

*(Con-Brasil)*

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

**Presidente**  
Herbert Victor Levy

Luiz Fernando Ferreira Levy  
Paulo Roberto Ferreira Levy  
Luiz Fernando Cirne Lima  
Roberto de Souza Ayres

DIRETORIA

**Dirutor-Presidente**  
Luiz Fernando Ferreira Levy

**Directores Vice-Presidéntes**  
Henrique Alves de Araújo  
Roberto Müller Filho  
Roberto de Souza Ayres

# GAZETA MERCANTIL

Terça-feira, 29 de agosto de 1989

Página 4

Infelizmente, parece-nos que o Brasil cada vez mais se divide entre os que só discutem e aqueles que também trabalham. No caso de nossa economia, chegamos à neurose. Especula-se que já vivemos um período hiperinflacionário, ou, pelo contrário, que este virá só após as eleições presidenciais, ou ainda que muito embora classicamente não vivamos um período de total descontrole dos índices da inflação, este virá, sendo que, no entanto, ainda antes da eleição do novo presidente.

O fato que toda a paralisação de certos setores sociais, ou ainda do pensamento nacional, se dá em função das eleições presidenciais, que, muito embora de transcendental importância para a vida do País e para nossa ainda incipiente experiência democrática, ao contrário do que se possa pensar, não estancam a vida. O que está para acontecer, em novembro, esperamos seja apenas a troca de um governo. Não se espera que o Estado brasileiro deixe de existir, ou mesmo que a sociedade deixe de viver, que as pessoas parem de executar suas várias atividades do cotidiano, ou que deixem de reivindicar por velhas ambições.

A prova cabal e irrefutável de que as coisas não funcionam dessa maneira se dá pela simples observação do que se passa além de nossa janela. Verifica-se pelo simples olhar que a atividade econômica persiste em desenvolver-se à revelia da vontade dos que se encontram paralisados. Mais que isso, outros dados insistem em demonstrar um crescimento dessa atividade. Existem investimentos em determinados setores produtivos, como por exemplo na área do papel e celulose e agroindústria, além de regiões do interior, onde a crise econômica passa ao largo do dia-a-dia.

Ou seja, é bom que todos compreendam rapidamente que há determinadas coisas que existem independentemente de fatores políticos conjunturais, e que a mais importante delas é a necessidade de produzir. Quem está paralisado são os dependentes do governo.

É certo que muito há que ser feito. Que a crise pela qual passamos não pode ser menosprezada, e que portanto cabe analisar sua natureza e propor soluções antecipadas para problemas que nos espreitam, como o da hiperinflação. No entanto, não se pode ficar esperando por um personagem imaginário como o que descreve o teatro moderno.

Devemos olhar com maior atenção para o que está vivo em nossa economia. Agora mesmo o governo acaba de enviar a proposta orçamentária das estatais que indica investimentos produtivos da ordem de US\$ 12 bilhões a US\$ 17,5 bilhões no ano de 1990, a serem efetivados nas áreas de energia, petróleo e aço, fundamentais para o nosso desenvolvimento e em especial para setores que vêm demonstrando crescimento, apesar da crise.

No entanto, esse orçamento está ameaçado de não ser apreciado pelo Congresso Nacio-

nal, pois que ele começará nos próximos dias um recesso branco, justificado pela necessidade teórica dos deputados em participar ativamente do processo eleitoral junto às suas bases. Isso não pode ser permitido, sob pena de sacrificarmos o que é estrutural pelo conjuntural. A obrigação dos parlamentares é a de estarem no Congresso e votarem a proposta orçamentária.

Das empresas governamentais citadas na proposta, independentemente de um dia virem a ser privatizadas ou não, reformadas ou não, dependerá a infra-estrutura necessária para toda a economia nacional. Não nos resolvemos ficarmos a discutir e tão-somente discutir a questão de privatização se cōrremos o risco de não só não termos o que privatizar como mesmo não termos mais a quem privatizá-la.

Pensar o País real, portanto, é ao mesmo tempo participar concretamente das atividades que nele acontecem. Deixarmo-nos levar pelas expectativas do País imaginário que infelizmente nos cerca é render-nos ao atraso e provavelmente por causa da incerteza, empenhar nosso futuro.